Número 2

Ano académico 2019-2020

Boletim da DPG

Associação de Docentes de Português na Galiza

Carme Saborido, na Guarda, com vistas para o Minho

A DPG participou nos eventos:

- XIII Jornadas de Atualização docente PLE. *Estimular a criatividade no PLE*. Corunha, 22 de fevereiro de 2019.
- XIV Jornadas de Atualização docente PLE. *Treino e avaliação da expressão oral na aula de PLE*" Santiago de Compostela, 4 e 5 de outubro de 2019.
- XV Jornadas de Atualização docente PLE. *A pragmática na aula de PLE*" Vigo, 15 e 16 de novembro de 2019
- Assistência ao encontro com o presidente do Camões, I.P., Luís Faro Ramos na sede do Instituto Camões em Vigo. 21 de junho de 2019.
- Encontro com os embaixadores da CPLP em Lisboa, julho e novembro de 2019.

"É preciso banir o estereótipo de que o português é uma língua pouco útil"

Nesta edição:

Entrevista	1
Objetivos	2
Entrevista	2
Entrevista	3
Novas	3
Contacto	4
Informação	4
Campanhas	4

Cinco perguntas para Carme Saborido. Pode apresentar-se para as nossas sócias, sócios e leitores?

O meu nome é Carme Saborido, considero-me uma ativista sociocultural e professora. Nasci em Padrão em 1982 e licenciei-me em Filologia Galega na USC. Atualmente frequento o grau de Língua e Literaturas Modernas na mesma universidade e trabalho como professora de português e chefa do mesmo departamento no IES a Sangrinha da Guarda. Escrevo um blogue, *Lusopatia.* Quer ser uma janela aberta ao mundo que permita ver os vastos horizontes e dinamismo da nossa comunidade linguística.

Como estão a transcorrer estes meses como docente de português? Como foi o acolhimento no centro e entre os estudantes? O acolhimento foi muito bom entre estudantes e professores/as. Na Sangrinha há mais de 12 anos de tradição de Língua Portuguesa no IES. Temos um departamento próprio com mais de 30h, português em todos os níveis da ESO e Bacharelato, (também como língua primeira), e até contamos com uma auxiliar de conversa: Isabel Gonçalves. Ver tudo isso conseguido e poder trabalhar assim é um luxo. Acho que a minha chegada foi realmente mais impactante para mim do que para os demais. Comprovei que trabalho numa escola onde o ensino do português está tão normalizado que não faz sentido perguntar aos alunos porque é que estudam esta língua. A resposta é que é o normal. E assim deve ser.

Quais são os principais desafios com os que se confronta? É complicado por vezes ver uma continuidade. No ano passado o professor de português causou baixa e isto fez com que muitos alunos e alunas não escolhessem Português este ano. A inscrição continua a ser muita, mas oscila cada ano.

A nível turma, existem grupos onde sempre há algum aluno/a que começa o estudo de português nesse ano, portanto, dentro da mesma turma há níveis de desempenho muito diferentes e didaticamente há que saber harmonizar.

Por outra parte, mas isso já é uma teima minha -confesso- gostava de que o ensino do português fosse mais tendo em conta o próprio ambiente em que ele é lecionado. Tem que ser também um fator normalizador. Os melhores alunos de Língua Portuguesa devem ser também (ou deveriam) ser os melhores alunos de Língua Galega e Literatura: vasos comunicantes.

Não podemos dar aulas de português na Guarda como se as déssemos na Rússia, nem como se estivéssemos a ensinar quéchua.

Que espera do novo cenário com a criação no secundário da especialidade de língua portuguesa?

Primeiramente gostava de ver muitas mais pessoas na lista de Professores/as de Português Ensino Secundário. Precisamos de mais especialistas e é de justiça que tantas e tantas pessoas que lutaram para que isto fosse uma realidade, possam também ter a oportunidade de trabalhar como docentes. O último concurso não pode ser um facto isolado ou pitoresco, tem que haver mais vagas.

Espero também que ao existir uma lista com pessoas para substituições pertencentes a esta especialidade, estas sejam tidas em conta. Se houver uma baixa, a Conselharia deve contactar primeiro com quem sabe da matéria e fez exames para isso. Os IES também devem exigir que assim seja.

A gestão das substiuições foi péssima no passado e isso pôs em risco a

continuidade de muitas linhas de português nos IES.

Na sua opinião, como poderia o português vir a ocupar um espaço mais alargado na ESO e no Bacharelato?

Não é uma questão simples. Ocorrem-me várias coisas:

-Dentro das próprias escolas, iniciativas como os OPS (O Português Simples) para darem difusão e conhecimento da matéria a outros públicos. E isto tem que começar já no primário. O trabalho tem que ser feito para os/as estudantes, mas também para as famílias. É preciso banir o estereótipo de que o português é uma língua pouco útil face ao francês, por exemplo.

Os nossos grandes objetivos continuam a ser:

Pelo ensino do Português na Galiza

- Presença do português no ensino primário.
- Presença do português no ensino secundário e no bacharelato como segunda ou primeira língua estrangeira.
- Aprofundamento dos conhecimentos transversais à volta da Lusofonia no âmbito escolar, especialmente nas cadeiras de língua galega.
- Alargamento da presença de conteúdos em língua portuguesa a outras cadeiras, música, economia, história, etc. até porque muitos factos da nossa história, economia e cultura apenas podem ser compreendidos nesse enquadramento de inter-relações.
- Alargamento da língua portuguesa às delegações das EOI, achamos especialmente necessário no caso da Euro-cidade de Verim-Chaves.
- Consolidação da oferta de língua portuguesa nos campus universitários, através dos centros de línguas modernas das três universidades galegas.
- Melhora da formação dos docentes, assim como a sua constante reciclagem.

Maria, da Terra Chá ao IES do Barral

Pode apresentar-se para as nossas sócias, sócios e leitores?

Chamo-me Maria, sou chairega de nascimento mas também de coração. Estudei Filologia Portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela e Filologia Galega na Universidade da Corunha.
Depois de experiências vitais e laborais muito variadas e todas de muita utilidade para a vida, tive a fortuna de conseguir uma das vagas da especialidade de português que saíram a concurso neste ano, 2019.
Atualmente estou a dar aulas no IES do Barral (Ponteareias).

Como estão a transcorrer estes meses como docente de português? Como foi o acolhimento no centro e entre os estudantes?

A condição de "funcionária em práticas", na verdade, nos primeiros meses não deixa muito tempo para dedicar às aulas, nesse sentido o início é mais uma luta por sobreviver às burocracias do que uma vivência real do que podem ser as aulas passada esta fase.
O acolhimento no centro foi, em geral, muito bom, tanto por parte de colegas como do alunado. Em concreto, com o alunado de 2º de bacharelato falámos do facto de se ter criado, por fim, a especialidade e o que isso supunha para o ensino do português na Galiza.

Quais são os principais desafios com os que se confronta?

No caso concreto do meu centro, o principal desafio é a criação do departamento, assim como abrirmos a possibilidade de que o alunado possa estudar português como primeira língua. É um alunado muito numeroso a estudar português como segunda língua e tenho a certeza de que teria muito boa acolhida como primeira língua.
Quanto à criação do departamento, agora mesmo existem certas reticências por parte da diretiva: por um lado a lei diz que para se criar departamento de uma língua estrangeira esta terá que existir no centro como primeira língua (na prática sabemos que não é assim, pois existem departamentos de português em vários centros da Galiza onde só existe como segunda língua, e não apenas de português mas também de alemão ou francês), e por outro lado a própria configuração deste centro e a flutuação do alunado em matérias que são optativas, fazem com que a direção ache que ainda não há um alunado estável como para se criar o departamento.

Que espera do novo cenário com a criação no secundário da especialidade de língua portuguesa?

À partida, considero que estas vagas não vêm a solucionar nem uma pequena parte dos problemas que tem o português no ensino secundário. É uma quantidade de vagas muito insuficiente tendo em conta o número de centros da Galiza nos quais se pode estudar português hoje. Portanto a existência do português no secundário seguirá dependendo da generosidade dos departamentos de língua galega e dos professores que, por vontade própria, decidem botá-lo a andar no seu centro. O que nos permite agora, estas quatro vagas, é lutar desde dentro, essa é a única diferença que vejo neste momento.
Se houver mais vagas, então poderíamos falar de um novo cenário.

Na sua opinião, como poderia o português vir a ocupar um espaço mais alargado na ESO e no Bacharelato?

Acho que a língua portuguesa no secundário necessita dignidade. Para começar, o alunado galego deve conhecer as oportunidades que lhe confere o conhecimento da língua portuguesa assim como as vantagens que possuem pelo facto de conhecer a língua galega (ainda que neste ponto batemos com outro problema que enfrenta o alunado galego: o desconhecimento da língua galega).
Acho que a dignidade é a palavra-chave porque o perfil do alunado do secundário que escolhe português como língua estrangeira –em linhas gerais– é aquele que não se quer enfrentar a francês ou inglês, por achar que na matéria de português não é preciso fazer nada para passar, então encontramos nas aulas um perfil de alunado desmotivado e com pouca vontade de trabalhar, um perfil muito diferente ao alunado das EOI, por exemplo. Por outra parte, esta situação devém também num estímulo para o professorado ao termos que buscar a maneira de motivar este tipo de alunado e desmitificar os preconceitos associados à língua portuguesa.
Igualmente, considero que é fundamental e necessário um bom relacionamento e trabalho conjunto com o departamento de língua galega. Considero que esse protagonismo do português deve ir da mão do galego, pois afinal o nosso trabalho não é com uma língua estrangeira qualquer, o nosso trabalho é com o galego internacional.

Luís Fontenla, docente na Corunha

Pode apresentar-se para as nossas sócias, sócios e leitores?
Sou novo docente de português no secundário. Portanto estou a aprender a movimentar-me neste novo contexto. No plano pessoal tive a sorte de ter uns pais que sempre me ofereceram conteúdos em português (filmes, música e bds) logo desde o início. Aprendi a ler em português muito cedo pelo que sempre me senti afortunado pelo facto de termos uma língua com tantos recursos. Sei que uma das carências no ensino de línguas no nosso país é a oralidade, mas o português comum é também um bom aliado para recuperarmos qualidade oral na nossa variedade. Eis um dos focos em que sinto maior vocação: ajudar a melhorar as competências orais e dignificar a língua.
Para além disso na minha vida privada sou pai de duas crianças e moro num lugar pequeno mas bem comunicado em Bergantinhos.
Estudei na USC e na U. Nova de Lisboa. Acabei a universidade em 2005. Fui tradutor, produtor de castanhas, padeiro e trabalhador florestal entre outras atividades. Como ativista da língua fui membro do Movimento de Defesa da Língua (MDL). Atualmente faço parte da DPG e doutras associações relacionadas com a língua.

Como estão a transcorrer estes meses como docente de português? Como foi o acolhimento no centro e entre os estudantes?
O meu centro difere bastante a respeito do ESO comum: é um centro para adultos com diferentes modelos de participação discente. Também o alunado é mais diverso existindo muita variação social, de país de origem ou de condições laborais. Além disso o currículo ESA é específico pelo que as matérias são diferentes às dum centro de ESO.
Só tenho boas palavras para a direção que criou as melhores condições para pôr em andamento o departamento de português. As colegas doutras especialidades também são um grande apoio. A respeito dos estudantes acho que tive em geral grupos muito bons e gostam da matéria.

Quais são os principais desafios com os que se confronta?
Certas carências técnicas, o próprio modelo de ensino de adultos que não sou capaz de reproduzir na sua complexidade, mas porei três exemplos: nalguma modalidade (semipresencial) exige muito rendimento com poucas aulas. Noutra o facto de a matéria de castelhano e galego não serem matérias separadas é um desafio de boa organização para um novo docente. Para concluir a diversidade discente em que encontro alunos de PLM na mesma aula em que há pessoas para quem o espanhol é LS, por exemplo é mais um desafio.
Noutra ordem de coisas, o trabalho com alunos que querem de facto aprender é muito reconfortante.

Que espera do novo cenário com a criação no secundário da especialidade de língua portuguesa?
Espero que não continue a avançar tão devagar. Resta muito para podermos falar em normalidade a respeito do português. No plano concreto de secundário desenvolvermos os níveis todos da especialidade no centro que nos corresponder oferecendo todas as matérias disponíveis (também primeira língua estrangeira). Dotarmos os departamentos de percurso continuado e materiais. Conseguirmos centrar todo o nosso esforço docente nas matérias da especialidade e, claro, podermos trabalhar perto de casa.

Na sua opinião, como poderia o português vir a ocupar um espaço mais alargado na ESO e no Bacharelato?
O nosso labor como pessoas comprometidas pode ser a de aconselharmos a conselharia e ajudarmos a clarificar a atual necessidade de profissionais. É urgente criarmos uma cenário em que se ouçam e tomem em consideração as nossas propostas e avancemos no secundário. Por enquanto, o português continua a ser uma anomalia ou uma matéria secundarizada. Gostaria de ver num par de anos:
-Oferta de português como primeira língua nos 67 centros atuais; criação e manutenção de Departamentos de português por onde formos passando

docentes da especialidade;
-Regularização das substituições e o mais importante: criarmos como coletivo algum compromisso com a conselharia de convocatórias periódicas de oposição até colmatar as necessidades atuais.
Esse compromisso pode ser tipo "taxa de reposição". Podemos chamar de "taxa Paz Andrade" de alargamento do número de especialistas. Em números e com uma proposta simples: no mínimo a metade dos centros que realizem oferta oficial cada ano escolar com especialista.
E isto que são necessidades urgentes é apenas começarmos a preparar um cenário de normalidade no ensino do português. Resta pois muito por fazer. É preciso avançarmos a uma outra velocidade, quer dizer, sem mais delongas.

> *"se trabalharmos juntos, será melhor e vamos ser capazes de oferecer mais e melhores oportunidades para todos"*

Desenvolvimento da Lei Paz Andrade

Apesar de já ter transcorrido um ano desta resolução, achamos interessante manter o lembrete. O Parlamento da Galiza, na sessão do dia 9 de outubro de 2018 aprovou por unanimidade, no ponto único da ordem do dia (Debate anual de política geral: doc. núm. 36952, 10/DEBA-000002), a seguinte resolução: *"O Parlamento insta a Xunta a adoptar as medidas que sexan necesarias, antes de finalizar a presente lexislatura, para impulsar a solicitude de admisión de Galicia como membro na Comunidade dos Países de Lingua Portuguesa. Así mesmo, insta o Goberno galego a* ***desenvolver de maneira real e efectiva a Lei Paz Andrade para o aproveitamento da lingua e cultura portuguesas convocando prazas docentes de portugués*** *na vindeira oferta pública de emprego dirixida ao ensino e a dotar de orzamento nas contas para 2019 a aplicación desta lei."*
Aprobada ***por unanimidade*** *de 73 deputados e deputadas.*
(Proposta de resolución núm. 22 do G.P. do Bloque Nacionalista Galego).
É certo que houve algumas iniciativas interessantes e que foram criadas quatro vagas de português no secundário, mas é preciso, mais, muito mais. Para alicerçar verdadeiras pontes no espaço galego-português, e a educação é um valor fundamental.

Missão da DPG:

Associação Docentes Português na Galiza

Associa-te!

✓ Fomentar a difusão e o ensino da língua portuguesa na Galiza, bem como o conhecimento da cultura e a realidade dos diferentes países de língua oficial portuguesa.

✓ Promover junto dos seus membros o intercâmbio de informação científica, pedagógica, didática e metodológica, em relação aos objetivos indicados na letra anterior.

✓ Contribuir para a abertura de novos campos de experiência e inovação no ensino do Português no âmbito concreto da Galiza.

✓ Desenvolver projetos de investigação e ação no âmbito do ensino/aprendizagem do Português.

✓ Participar no debate social sobre a Educação, na Galiza, nomeadamente no referente ao ensino das línguas.

@docentesptgaliza
dpgaliza@gmail.com

dpgaliza.org

Como posso dar aulas de PLE no secundário?

O procedimento é simples.

1. O Departamento ou docente interessado apresenta um breve projeto para justificar a necessidade e as vantagens da incorporação do Português ante a Direção do centro.
2. Posterior aprovação do projeto pelo Conselho Escolar.
3. Uma vez aprovada, esta decisão será comunicada à Inspeção, que emitirá um informe para a Xefatura Territorial.

Como **requisitos** para os docentes que queiram dar aulas de português no secundário:

- Filologia portuguesa.
- Tradução e interpretação (língua portuguesa).
- Filologia Galego-Portuguesa.
- Filologia Hispânica (Secção Galego-Português).
- Titulações equivalentes com o Certificado de Português da EOI, segundo o nível requerido pela Conselleria.

Campanhas